

CUXE: O RESGATE HISTÓRICO DE UM ANTIGO REINO NÚBIO

Sonia Ortiz da Cunha¹

José Henrique Rollo Gonçalves²

RESUMO

Para romper com a visão etnocêntrica de que os povos africanos são culturalmente inferiores é necessário conhecer e respeitar as histórias e as diferentes culturas dos vários reinos formados na África, no decorrer do tempo histórico, a partir de seus próprios valores. Este artigo tem como objetivo destacar o relevante papel exercido pelos núbios, entre os séculos VIII a. C. e II d. C., no Vale do Nilo. Considerando que a Lei 10 639/03 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, o referido texto vem atender ao propósito de apresentar os resultados da implementação realizada no Colégio Estadual Duque de Caxias – Ensino Fundamental e Médio no que se refere aos fatos marcantes na vida do povo cuxita, que estabeleceu grandes relações políticas, comerciais e sociais com reinos vizinhos, evidenciados através de documentos históricos e iconográficos.

Palavras-chave: Lei 10639/2003 - Reino de Cuxe – Rio Nilo – candaces – Núbia e faraós negros.

ABSTRACT

In order to supersede the ethnocentric vision that considers African peoples culturally inferior it is necessary to know and to respect the histories and the different cultures of the several kingdoms created in Africa by their own values. This article intends to remark the important role of Nubian people in the Nile Valley from VII b.C. to II CE. The main results of the research were exposed to the students of Colégio Estadual Duque de Caxias.

Key-words: Law 10639/2003 - kingdom of Kush – river Nilo – candaces – Núbia and black faraós

¹ Professora PDE da rede pública do estado do Paraná. E-mail: soniaortiz@seed.pr.gov.br

² Professor/Pesquisador – Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história - UEM - Orientador do PDE. E-mail: zrollo@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A África é considerada o “berço da humanidade”; de acordo com informações arqueológicas disponíveis, foi o primeiro continente a ser ocupado pelos humanos. No solo africano surgiram alguns dos primeiros cultivos agrícolas e atividades pastoris. Vários povos africanos desenvolveram técnicas de manufaturas, obras de arte, línguas e construções de monumentos diversos, formando um riquíssimo acervo cultural.

A intenção deste trabalho é fazer um estudo sobre a África Antiga, dando atenção especial ao reino Núbio de Cuxe, entre os séculos VIII a. C. e II d. C., no Vale do Nilo e também destacar a importância das fontes históricas para estudar as civilizações antigas que não tiveram seus sistemas de escrita totalmente decifrados.

Quando se fala em África Nilótica é importante saber que a Núbia também foi uma civilização brilhante. O reino de Cuxe destacou-se historicamente, influenciando outros povos com sua cultura original e estabelecendo relações políticas, comerciais e sociais permanentes com povos vizinhos.

Até muito recentemente, o reino de Cuxe e as cidades de Napata e Meroe, eram pouco conhecidos do mundo. Sabia-se apenas, que eram as terras do ouro e do ferro, das candaces e das gentes que tinham a pele extremamente negra, localizadas ao Sul do Egito, na chamada África Nilótica.

NÚBIA ANTIGA

A região localizada atualmente entre o sul do Egito e o norte do Sudão foi denominada num passado bastante remoto de **Núbia**. Como existiam ali, minas de ouro em grande quantidade, os árabes chamaram este local de **nuba**. Na escrita hieroglífica **nub** significa ouro. Daí a constituição do termo **núbia** = terra do ouro.

Considerada, nos tempos antigos, um prolongamento do Egito, era caracterizada como um grande deserto, vivendo graças ao Nilo. Suas fronteiras foram sempre imprecisas e suas divisões políticas bastante numerosas.

Situada no nordeste da África e disposta ao longo do Nilo, a região em estudo, iniciava-se ao sul, a partir de Cartum e terminava em Assuã, na Primeira Catarata, incluindo, também as áreas do deserto a leste, até o mar Vermelho e a oeste, até as áreas desérticas da Líbia.

Por milênios, a Núbia tornou-se um ponto de encontro entre os egípcios, as civilizações do Mediterrâneo e os povos negróides da África Subsaariana. Segundo Jean-Marc Brissaud³, a antiga Núbia tem um histórico de 45 séculos, divididos em duas categorias de dados:

Os que dizem respeito às grandes civilizações exteriores que se apoderaram dessas regiões, dominando-as por algum tempo; e os dos reinos ou impérios núbios independentes. Para os primeiros, os testemunhos e documentos são abundantes; para os segundos, somos às vezes, reduzidos a hipóteses, índices parciais ou inexatidões dos cronistas clássicos (BRISAUD, 1978, p. 14).

Este estudo busca evidenciar, a história da Núbia relacionada ao segundo momento, daí a necessidade das fontes históricas compostas pelo trabalho de arqueólogos, cronistas e historiadores para a concretização deste trabalho.

Muitas construções arquitetônicas foram realizadas pelas sucessivas culturas que surgiram no decorrer dos séculos de história da Núbia. No séc. XX, com a construção da Barragem de Assuã, no atual Sudão, muitas delas foram tragadas pelo Lago Nasser. Outras, porém, foram salvas graças a um trabalho considerável

de arqueólogos, técnicos e engenheiros que não mediram esforços para desmontar, remover e salvá-las das áreas de alagamentos. O templo de Abu Simbel e File são exemplos desse fato. Brissaud (1978 p. 345) relata que da catedral de Faras, “169 de seus afrescos foram salvos”, e que os mesmos estão dispostos aos turistas, no museu de Cartum e na Polônia, para onde foram enviados 50 deles.

O REINO DE CUXE

O reino de Cuxe existiu por aproximadamente um milênio, depois que seus líderes saíram do Egito, após terem sido dominados pelos assírios.

Os Cuxitas dominavam, no auge de seu poderio político, entre os anos 300

³ Brissaud em sua obra **A Civilização Núbia até a conquista árabe** ressalta que a Núbia Antiga era habitada por povos nilóticos negróides. Os gregos chamavam de Etiópia – **aitho** = queimado e **ops** = rosto – ao lugar da África onde as pessoas tinham a pele muito negra. Os egípcios deram o nome de **Ouaouat** para a Baixa Núbia e de **Cuxe** para a Alta Núbia.

a.C. e 200 d.C., grande parte do território norte e centro do Sudão Oriental e governavam até aos pântanos do Nilo Superior, no sul. Inicialmente, Napata, foi a cidade escolhida para capital dos cuxitas. Entretanto, tudo leva a crer que no séc. VI a. C., sua capital foi transferida para Meroe.

Em sua obra **À descoberta do Passado de África**, Basil Davidson considera que o comércio era largamente praticado pelos cuxitas, por essa razão, “estradas levavam aos activos portos do mar Vermelho onde os navios iam e vinham entre o território dos cuxitas e muitos países estrangeiros” (1981 p. 25). Existem relatos de que um grande número de embaixadores cuxitas viajavam e negociavam com vários reinos da época. Na Bíblia é possível encontrar citações de funcionários negros que negociavam com os faraós do Egito e por intermédio deles, faziam intercâmbio comercial com povos do mediterrâneo, especialmente, gregos, romanos e palestinos.

A prática comercial com tantos países estrangeiros proporcionava uma troca cultural intensa. Os meroítas tanto influenciaram, trocaram e criaram, quanto absorveram muito da cultura dos povos indianos, chineses e egípcios. Entretanto, sempre foram cautelosos na proteção de sua independência e da sua própria cultura. O povo de Cuxe tinha orgulho de sua cultura, recebiam muitas coisas de alguns povos, porém, inventavam muitas técnicas próprias. Através de suas negociações com povos tão distintos, os cuxitas espalharam sua influência por todo o Vale do Nilo.

Sucessão real

A Núbia, foi governada por uma série de faraós negros. Estes faraós eram chefes políticos e militares do vasto e poderoso reino de Cuxe, cuja prosperidade resultava do controle das principais rotas comerciais às margens meridionais do Nilo. Este reino possuía um vasto campo para o cultivo da agricultura, a prática da pecuária e a mineração. Com isso, os faraós negros, através seu poder militar estabeleceram domínios políticos sobre os povos da vizinhança, especialmente o Egito, ao norte de seu território.

Os núbios tinham um jeito próprio para proceder a sucessão de seus reis. Diferente da regra egípcia, onde o poder passava de pai para filho, na Núbia, quando um rei morria, seu poder era entregue a seu segundo irmão, que

governava de forma vitalícia. Na sequência, o reino era administrado por todos os irmãos sobreviventes. Terminado esta sucessão, o poder real era entregue ao filho mais velho de quem primeiro reinou, só depois, era retomado a linhagem de irmão para irmão.

Entretanto, havia uma forma de assegurar o comando para herdeiros com perfis mais indicados aos cargos de soberania. Era comum, na sucessão real, um ou mais nomes serem desconsiderados, para dar lugar a herdeiros mais indicados e comprometidos com a política e a guerra. Formavam-se, portanto, partidos e acirradas disputas eram travadas para a escolha do novo rei, ocorrendo, inclusive guerras. Um exemplo desse fato, foi a escolha do rei Taharca, parece que seus irmãos não foram escolhidos para a sucessão real, pois este era o filho caçula de Pianki e tudo indica que havia mostrado, desde menino, uma aptidão fantástica para o governo de seu reino.

O novo rei era escolhido, ao que tudo leva a crer, pelos chefes militares, líderes de clãs ou linhagens, altos funcionários da corte e os sacerdotes de Amon. O candidato tinha que se apresentar no templo de Amon e ali este deus o tornava rei.

A XXV Dinastia egípcia é composta por reis núbios, que governaram tanto o Egito quanto Núbia. A coroa cuxita, usada com o duplo uraeus, servia para legitimar o poder desses reis que passaram a ser chamados de Senhores das Duas Terras ou Senhores de Dois Reinos. Isto fez Costa e Silva (1996 p. 112-113) considerar que Cáchita, por volta de 806 a. C., teria sido o primeiro rei núbio a unir “em Tebas, sob seu mando, a Núbia e o Alto Egito”. Pianki teria assumido o cargo de seu pai, governando entre 751 e 716 a. C. Quando Pianki morreu fora sucedido por seu irmão Xabaca e este por Xabataca, filho de Pianki, que governou entre 701 a 690 a. C., que por sua vez, fora sucedido por Taharca, também filho de Pianki que governou até 664 a. C., e este por Tenutamom, filho de Xabataca, que após várias batalhas travadas, fora derrotado pelo exército assírio, voltando para Napata, onde morreu em 653 a. C.

Quando o domínio dos cuxitas sobre o Egito chegou ao fim, tudo leva a crer que os egípcios trataram, rapidamente, de apagar grande parte dos vestígios deixados pelos faraós núbios que ali governaram. A descoberta de alguns monumentos e estátuas de faraós negros encontradas soterradas numa cratera, próximo a ruínas de templos, ao norte do Sudão, por um grupo de arqueólogos da Universidade de Genebra, é prova disso. Muitas estátuas estavam violentamente

destruídas, continham cabeças e pés esmagados. O pesquisador suíço Charles Bonnet, comentou, ainda que os egípcios, não contentes somente em conquistar o reino de Cuxe, tentaram aniquilar os vestígios deixados por este povo guerreiro, que com muita bravura, reinou em seus territórios.

O RIO NILO

“Um homem alto e vigoroso, de pele queimada, solta um grito, repetido de boca em boca: “ O rio!” Eis o Nilo, bordado de Oásis verdes, correndo majestoso num mundo mineral” (BRISSAUD, 1978, p. 110).

Os rios são os meios de comunicação mais importantes da África. O rio Nilo “nasce na região do lago Vitória e deságua no Mediterrâneo” (Souza, 2006 p. 11), e portanto, atravessa toda a extensão da Núbia “localizada na forquilha formada pelo encontro do rio Nilo Branco com o Nilo Azul” (Souza, 2006 p. 14).

Os antigos egípcios e núbios, por não conhecerem a origem das nascentes do Nilo o chamavam de Hapy, que em egípcio significa rio-deus. A cheia desse rio era um benefício supremo para os camponeses que louvavam o deus Hapy e dele esperavam que a vida lhes fossem proporcionada, através da irrigação e fecundação de suas terras.

O rio Nilo foi de extrema importância para o contato entre os povos nilóticos e desempenhou duplo papel. Além de trazer água e húmus do interior da África, pois, as enchentes anuais eram responsáveis pelo rejuvenescimento dos campos, contribuindo para a sobrevivência e riqueza dos moradores do Vale até o Mediterrâneo Oriental, também colaborou levando idéias, mercadorias e pessoas para o interior da África subsaariana. John Reader⁴, em sua obra **África – Biografia de um continente**, considera que este rio perene, tornou-se um corredor econômico e cultural, onde homens, levando seus produtos e idéias circularam, estabelecendo relações entre si.

Contudo, esse rio, frequentemente gerava problemas. Tragédias provocadas por enchentes e inundações que assolavam plantações e populações

⁴**John Reader** – escritor inglês e photojournalist com mais de 40 anos de experiência profissional, grande parte delas na África. Seu trabalho tem incluído contribuições internacionais importantes.

ribeirinhas, ocorriam com muita frequência. Para solucionar tais problemas, foram necessárias práticas de trabalho coletivo e associações de cultivadores para domar suas águas, garantir boas colheitas e a sobrevivência de todos. Sobre este assunto Jean-Marc Brissaud diz:

Os camponeses do Vale do Nilo, do Delta à Alta Núbia, têm constantemente necessidade de água. Constroem e mantêm diques e canais de irrigação. É necessário dominar a inundação, drenar os canais, construir diques, proteger habitações, o que explica por que as tribos nômades do neolítico egípcio e núbio se tornaram sedentários. Os homens tiveram que se agrupar muito cedo em aldeias e aí fazer funcionar uma organização adaptada às suas necessidades. (BRISAUD,1978,p. 31).

RELAÇÕES CONFLITUOSAS

O convívio entre Egito e Núbia é bastante remoto. O registro mais antigo desse contato foi encontrado numa placa de pedra, por volta de 2450 a.C., no reinado do faraó Sahure. Nela, se relata uma expedição que voltava da África Negra, denominada de Reino de Punt, trazendo uma variedade de produtos de valores comerciais desta terra.

Vários historiadores consideram que a Núbia foi província dos egípcios por milhares de anos e que as relações entre eles sempre foram conflituosas, pois sempre houve interesses econômicos e políticos em jogo.

Em sua obra **À descoberta do passado de África**, Basil Davidson, relata que Heródoto, o grande historiador grego, tentou, pouco antes do ano 400 a. C., ver Meroe, a forte e bela capital do majestoso reino dos cuxitas e dar notícias dela à Europa. Contudo, teve que se conformar apenas com o que os sacerdotes de Elefantina, contaram-lhe sobre as maravilhas desta cidade. Mas por que Heródoto não pôde ir pessoalmente conhecê-la? Sendo tão curioso, como pôde contentar-se apenas com meia dúzia de respostas dadas pelos sacerdotes? O fato é que naquele momento histórico, um sério conflito ocorria naquela região e as estradas estavam interditadas. Sendo assim, Heródoto não pode conhecer pessoalmente a magnitude de Meroe.

Essa realidade, ainda hoje não mudou. Com muita frequência, os meios de comunicações noticiam atos de violência, protestos e sequestros praticados entre os moradores de fronteira e regiões desérticas, entre o sul do Egito e o norte do Sudão.

CIDADES CUXITAS

Na Antiga Núbia, embora tendo a agricultura como base da economia, parte da população morava nas cidades. As antigas cidades núbias são objetos de estudos entre arqueólogos, historiadores e outros profissionais que se dedicam às pesquisas e escavações para conhecer cidades como: Pnubs, Naga, Cartum, Dongola, Napata, Atbara, Meroe, Farás, Argos, Wad bem Naga, Kawa, Soba, ES-Sofra, Mussaurat, entre outras. Elas foram descobertas em várias localidades, através de ruínas e vestígios deixados por pessoas que ali habitaram em tempos remotos. Por serem provas da existência do reino de Cuxe e da relevante atuação dos seus reis negros no Vale do Nilo, Napata e Meroe são duas cidades que merecem destaque e estudo.

NAPATA

Na época da XVIII Dinastia egípcia, próximo à Quarta Catarata do rio Nilo, existia um pequeno núcleo de povoação denominado Napata. Um simples posto de fronteira, que de povoado tornou-se uma cidade caravaneira, nessa região encontravam-se vários comerciantes que levavam seus produtos, em lombo de camelos, dromedários ou burros, do sul da Núbia e das terras vizinhas até o Egito e vice-versa. Napata era um ponto de partida da produção aurífera das minas núbias, para as demais localidades do Vale do Nilo até o mar Vermelho. Da antiga cidade de Napata não resta muita coisa, além das ruínas do templo de Taharca, a capela de Aspelta, o Jebel Barcal e as necrópoles de Nuri e Kurru.

Apesar de importante centro comercial, capital de Estado, pólo de atração e chegada de muitos grupos humanos, vindos de distintas regiões, Napata parece ter sido, sobretudo, um grande centro religioso. Na montanha sagrada de Jebel Barcal, foi construído o majestoso templo de Amon e por esta razão, havia uma grande peregrinação de fiéis que visitavam com frequência o santuário. Isso muito contribuiu para o crescimento populacional e o prestígio político da cidade, pois vários reis lá viveram e foram inumados. Em relação a origem e aos traços físicos dos primeiros reis, seus túmulos e formas de sepultamentos, Alberto Costa e Silva relata:

(...) os primeiros reis de Napata teriam por antepassados um ramo de chefes autóctones, que se fortaleceu e se impôs aos demais. Muitos dos nomes que desses reis sabemos eram núbios. E as imagens que nos deixaram, em seus monumentos, revelam indivíduos de traços negróides: de pomos da face salientes, nariz largo, lábios grossos. Seus túmulos mais antigos eram domos de pedra e terra, que recobriam covas em que o morto estava de lado numa cama, os joelhos fletidos, a cabeça voltada para o norte (...). Não faltava ouro nessas sepulturas” (COSTA E SILVA,1996, p. 108).

Apesar de os reis serem provavelmente de origem divina e detentores de um enorme poder sobre os seus súditos, a princípio, não foi encontrado vestígios de que fizessem práticas de sacrifícios humanos, como era de costume em algumas cidades africanas. Entretanto, Alberto Costa e Silva menciona que, “em sepultamento do início do primeiro século de nossa era aparecem inesperadamente esqueletos no chão do túmulo. Voltara-se ao antigo costume de enterrar mulheres e servidores do morto, para o atenderem na outra vida”. (Costa e Silva, 1996, p.138).

Nos monumentos funerários formados de domos, mastabas ou pirâmides pequenas, se comparadas às do Antigo Império egípcio, foram enterrados no cemitério de Kurru, na cidade de Napata, vários reis cuxitas: Alara, Cáchita, Pianki, Xabaca, Xabatata e Tenutamom ou Tenutamani. No campo-santo de Nuri foi encontrada a pirâmide pontiaguda do rei Taharca. “Nuri abriga dezenove reis e 53 rainhas. Suas pirâmides, (...) apresentavam (...) degraus estreitos e baixos. Estão todas em ruínas. O arenito macio de que foram feitas rende-se facilmente à erosão” (Costa e Silva, 1996, p. 111).

MEROE

No início, Meroe, era apenas uma aldeota de cabanas cobertas de sapé. Em meados do séc. VIII a.C., tornou-se cidade habitada por pessoas, que provavelmente tenham mesclado com outras que vieram do norte, em busca de terras férteis.

No séc. III a.C., Meroe já era uma grande cidade habitada por vários de seus reis. Erguia-se à margem direita do Nilo, numa estepe hoje chamada Butana. Nas amplas estepes e savanas de Meroe era possível encontrar muitas áreas verdes, abrangendo acácias e florestas e com elas a existência de muitas chuvas e

condições climáticas favoráveis à agricultura e fauna composta de leões, elefantes, leopardos e avestruzes.

Meroe situava-se a alguns quilômetros de Cartum, perto da atual cidade de Shendi. A mais antiga referência que se conhece de Meroe é uma estela encontrada em Kawa, dando notícias de reis cuxitas.

Devido à escassez de documentos escritos, o pouco que se sabe sobre Meroe decorre do estudo de vestígios de construções como cemitérios, templos, casas, palácios e estelas.

Vários fatores contribuíram para que Meroe tornasse um grande centro urbano, dentre eles: a menor aspereza do clima e do solo e a pequena distância da rota de caravanas que ligava Meroe a Napata.

Meroe lucrou muito com o desenvolvimento do comércio com o mar Vermelho. Tornou-se um grande império de produtos africanos que chegavam das montanhas etíopes, do Níger, do Dafur e Chade. As mercadorias chegavam passando de mão em mão, de tribo em tribo. Não há registros de que iam muito longe buscá-las.

Ignora-se quando Meroe passou a ser o centro do poder (residência real). Heródoto, pouco antes de 430 a.C., referiu-se àquela cidade como capital do reino dos núbios. Muitos reis governaram Meroe, porém, nem todos deixaram registros de sua existência. De alguns ficaram inscrições apenas de louvor a seus reinados.

Arcamani foi provavelmente, o primeiro rei a ser enterrado em Meroe. Desde meados do séc. VI a.C. um grande número de rainhas foram enterradas em Meroe. Tudo indica que pertenciam ao reino meroíta, pois, segundo a tradição dos núbios, raramente se admitia, um sepultamento fora de sua terra natal.

Todo império tem seu início, atinge um período auge e, por algumas razões, entra em declínio. O fim de Meroe, ainda é hipotético, diante das poucas informações escritas deixadas e decifradas, sobre os seus últimos séculos. Apesar disso, John Reader em suas pesquisas, conclui:

Entre as ruínas monumentais de uma civilização, hoje espalhadas pelo chão na ilha de Meroe, enormes montes de escórias testemunham a escala de produção de ferro que alimentou a sua ascensão e, por fim acabou por provocar a sua queda no séc. II d.C. A alteração nos padrões do comércio na região do mar Vermelho pode ter apressado o declínio, mas a degradação ambiental já tinha tornado a sua queda inevitável. As árvores para alimentar as fornalhas da fundição do ferro tinham sido abatidas com grande rapidez, sem dar o tempo necessário para o crescimento de árvores novas. A desflorestação conduziu à erosão e à

perda do solo arável. Uma região que tinha apoiado durante milhares de anos prósperas populações agrícolas não podia continuar a ser cultivada (READER, 2002, p.210).

Ainda sobre tais hipóteses, Jean Leclant⁵ afirma:

Provavelmente, não era fácil controlar as vias de caravanas entre o vale do Nilo, o mar Vermelho e a savana nilo-chadiana – base econômica do império. As pirâmides reais passaram a ser cada vez menores e mais pobres, e a raridade de objetos egípcios e mediterrâneos indica uma ruptura com as influências exteriores, causa ou consequência da decadência.

Os meroítas que sempre haviam vencido as incursões de tribos nômades, se tornaram presas tentadoras para seus vizinhos; os Axunitas ao sul, os nômades Blemmyes a leste, e os Nubas a oeste. É, provavelmente a esses últimos, citados pela primeira vez por Ératóstenes em 200 a.C., que se deve atribuir a queda do Império meroíta (LECLANT, 1979, p.57).

Seja qual for a hipótese mais evidente sobre o declínio de Meroe, o fato é que o mundo antigo recebeu influências de uma “civilização poderosamente original, que sob um estilo egípcio mantido com maior ou menor constância, permaneceu profundamente africana” (Leclant, 1979, p.57). E ainda, “em certo sentido, a mais autenticamente africana de todas as grandes civilizações da antiguidade” (Davidson, 1981 p.).

SOLDADOS NÚBIOS

A bravura e a ferocidade dos exércitos núbios podem ser comprovadas através da observação de alguns textos bíblicos, nos baixo-relevos, nos escritos árabes e nas inscrições de estelas que relatam o quão temível e respeitável eram os soldados negros etíopes.

Existem várias escrituras bíblicas onde os núbios são referenciados como um povo orgulhoso, forte, guerreiro e temível pelo mundo inteiro (Is, 18.21, 2Cr 14.8-9 e 2Re. 19.8-9). Para os antigos israelitas, os soldados núbios eram homens belos e altos, tinham a pele lisa e lustrosa e com força proporcional ao seu porte físico. No séc. VIII a.C. o profeta Isaías refere-se a eles como diplomatas

⁵**Jean Leclant** -Egiptólogo, especializou-se em estudos sobre a Núbia e a arqueologia etíope. É dele a autoria do artigo: Kush, o reino que durou mil anos. **Correio da Unesco**, vol. 07, 1979. p. 10-11.

e mensageiros, que estariam numa missão de conseguir a união de Judá para a realização de uma rebelião, cujo objetivo era controlar o poder e o domínio dos assírios sobre o Oriente Médio. O profeta Jeremias (13.23) compara os etíopes com um leopardo feroz. Segundo ele os guerreiros negros eram tão temíveis e velozes quanto esse animal.

Os árabes também fizeram relatos do temor e da fama da cavalaria e dos arqueiros núbios. O cronista AL-Baladuri escreveu sobre a rapidez, a pontaria e a eficácia de seus ataques. Eram conhecidos como “os destruidores de pupilas”, pelo fato de procurarem acertar, sobretudo, os olhos dos inimigos.

Em 725 a.C., Pianki iniciou uma grandiosa campanha militar rumo ao norte do Vale do Nilo, chegando até o mar Mediterrâneo. Após sua vitória, o Egito foi unido ao Império de Cuxe. Pianki tornou-se, então, o faraó dos dois reinos. As façanhas das batalhas desta campanha militar foram registradas numa estela de granito rosa, construída em Napata, no templo de Jebel Barcal, a pedido de Pianki. Nela foi inscrito um dos mais longos e detalhados textos, descrevendo cenas bélicas da vitória desse rei e seu temível exército, que utilizava numerosas embarcações, armas de ferro e cavalaria em larga escala. Os cuxitas tinham um amor extremo por seus cavalos.

CANDACES: RAINHAS-MÃES

A atuação das mulheres na vida social e política é um acontecimento evidente na maioria das sociedades atuais. As mulheres núbias da Antigüidade também desempenhavam papéis relevantes na vida política de seu povo.

As tradições matrilineares praticadas em diversos reinos africanos também aconteciam em Meroe. Existem vários indícios de que as mulheres de sangue real desempenhavam várias funções e ocupavam cargos de liderança no reino. Dentre essas funções destacava-se o papel das sacerdotisas do Templo de Amon e o cargo de rainha-mãe ou candace.

Ser sacerdotisa do deus Amon na sociedade núbia, significava ser muito mais do que princesa; era ser uma verdadeira soberana espiritual. Ser consagrada ao culto de Amon era tornar-se esposa desse deus e adepta do celibato. Depois da morte, figurava entre os deuses e seria representada sob a forma de esfinge real. Esse costume passou a ser adotado, após a instalação da XXV dinastia. Quem

ocupasse essa função teria a realeza do Duplo País e o seu trono deveria ser honrado por todos. Sobre a função de sacerdotisa, Ahmed Hakem⁶ considera que:

Mesmo depois da perda do Egito e da conseqüente desapareção dessa função, as mulheres de estirpe real continuaram a ocupar postos muito importantes entre os sacerdotes dos templos de Amon em Napata e em outras localidades, e a exercer considerável poder (HAKEM.1979, p.57).

Várias mulheres núbias desempenharam a função de sacerdotisa, dentre elas: **Amenirdis I**, irmã de Pianki, **Chepemipet II**, filha de Pianki e **Amenirdis II**, filha de Taharca.

O reino de Cuxe foi governado por várias candaces. Candace é um título derivado da palavra meroíta **KTKE** ou **KDKE**, cujo significado é rainha-mãe.

Na época greco-romana, muitas mulheres tornaram-se celebridades e governaram Meroe com bravura e astúcia. Adotaram o título de candaces ou rainhas-mães reinantes. Costa e Silva (1976, p.127) as retratou como mulheres de “ancas largas, gordas e energéticas, com uma túnica franjada, (...), cheias de colares e enfeites, verdadeiros marimachos a combater à frente dos exércitos, a presidir ao culto, a espaiar na caça”. O egiptólogo Jean Leclant, assim relata sobre algumas delas:

O reinado da rainha Shanakdakhete (cerca de 170 a 160 a.C.) parece ter sido um período de afirmação do poder de um matriarcado tipicamente local. Num edifício dedicado ao nome da soberana, em Naga, estão gravadas inscrições em hieroglíficos meroíticos que se conta entre os mais antigos de que se tem notícias. (...)

(...) Duas rainhas tiveram na época especial destaque: Amanirenas e Amanishakento. Seus maridos foram figuras apagadas, e nem sabemos o nome de quem se casou com a segunda. Durante alguns anos, o trono foi ocupado por um rei, que até então fora o Príncipe Akinidad, filho da Rainha Amanirenas e do Rei Teriteqas. (...) Ambas tinham o título de Candace, transcrição do título meroítico Kdke na tração dos autores clássicos (LECLANT, 1979, p.56).

Hakem considera que ser rainha-mãe em Meroe significava participar do poder político, escolhendo um novo rei, que poderia ser seu filho ou esposo e auxiliá-lo em seu governo. Contudo, com o passar do tempo, essas rainhas-mães, assumiram o poder político na Núbia e no sistema monárquico de Meroe, e “se auto-proclamaram soberanas, chegando até a adotar o título real de “Filho de Re, Senhor das Duas Terras” ou “Filho do Re e Rei””, como também evidencia Hakem

(1979, p. 59). Isto posto, é possível afirmar: ser candace em Meroe, era ocupar-se da administração civil, do comércio, dos exércitos, da religião e estabelecer relações diplomáticas com os reinos vizinhos.

VIDA RELIGIOSA

Os antigos núbios, assim como os egípcios, eram politeístas e praticamente cultuavam as mesmas divindades. Um mesmo deus podia ter nomes e aparências variadas, conforme a região ou período histórico. Alguns destes eram representados com formas humanas. Outros, porém, eram antropomorfos. Era comum a adoração de animais, dentre eles: o gato, o crocodilo, o carneiro, o leão, o elefante e outros. Vale ressaltar que alguns animais pré-históricos como girafas, por exemplo, e outros mais tardios como galos e cavalos não figuravam no panteão animal divinos dos núbios.

Entre as várias divindades, os núbios cultuavam:

- **Dedun** – “Senhor da Núbia”, conhecido como o deus do Sul e fornecedor de incenso. Muito venerado pelos núbios.
- **Amon** – O deus sol. O deus supremo, representado ora antropomórfico, usando na cabeça o modius de altas plumas, ora com cabeça de carneiro.
- **Osíris** - Era o juiz dos mortos. Deus da morte, mestre da vida e da eternidade. Herói de muitas lendas.
- **Ísis** – Deusa querida por todos os núbios, venerada no templo de File. Trazia na cabeça um disco e uma cornadura de vaca, está sempre associada a Osíris.
- **Hórus** – Representado com cabeça de falcão e corpo de homem. Filho de Osíris e Ísis. Deus reinante sobre os vivos.
- **Upuaut-** O deus-cão explorador de Assiut a Kuban.
- **Bes-** O deus senhor de Punt, assim considerado por trazer a deusa Hathor para o convívio dos núbios.
- **Thot-** o senhor da cidade de Pnus.
- **Apedemeque** – representado com corpo de serpente a emergir de uma grande flor, tendo braços e peito humanos e cabeça de leão. Divindade protetora dos exércitos meroítas. Sua imagem foi perfeitamente gravada em uma pilastra do Templo do Leão construído em fins do séc. I a.C., em Naga . Conforme a figura.
- **Arensnúfis-** o deus bem vindo, era adorado em Filas.

- **Mandúlis-** era um deus menino e um deus-filho solar que aparecia sob duas formas: de Mandúlis criança e Mandúlis adulto, os dois tinham a aparência de falcões coloridos.
- **Min** – Deus protetor dos pesquisadores do ouro
- **Sebiumequer** – Deus orientador e antropomorfo com a dupla coroa. Divindade guerreira, por vezes, leontocéfala.
- **Bastet** – Deusa protetora das grávidas. Era representada com corpo de mulher e cabeça de gato. Havia crença de que protegia as pessoas das doenças e dos demônios.

Uma estátua de homem com cabeça de elefante e imagens desses animais encontradas em várias inscrições, supõe que em Meroe se adorassem um deus personificado por este animal, porém, não existe registro de seu nome.

Em Naga, num dos muros internos do Templo do Leão, foi encontrado um relevo muito surpreendente. Nele continha a figura de um deus barbudo, de frente, olhando para quem ali chegasse. Ao que tudo indica, seria Júpiter Sarapis, mas, como não ficou registrado seu nome, portanto, não se sabe ao certo de quem se tratava. Da tradição greco-romana, parece ter sido derivado essa inscrição. Diante disso, pode-se levantar hipóteses que evidenciem o contato entre antigos núbios e europeus oriundos do mar Mediterrâneo.

Os templos

Em Meroe foram construídos vários templos de adoração às principais divindades núbias. Um templo erguido à deusa Ísis foi descoberto, ao norte da atual aldeia de El-Deragab. As ruínas revelaram que esse santuário era composto de dois edifícios sucessivo e superposto.

Próximo da cidade de Hambad foi encontrada uma capela, provavelmente dedicada à deusa Ápis. Duas estelas escritas em letra cursiva, dão informações sobre os reis Amanirenas e Aquinidade.

Em Meroe foi construído o Templo do Leão, em honra a Apedemeque. Ele era formado de duas pequenas salas, tendo dois leões de pedra apostos na sua entrada.

O Templo do Sol foi outro santuário encontrado a leste de Meroe. Nele adorava-se o grande deus Amon. Em suas muralhas externas foram inscritas cenas abundantes de reis e soldados guerreiros meroíticos em situação de extrema superioridade militar sobre seus prisioneiros.

Outro local de adoração milenar do povo núbio era a Montanha Santa, o Jebel Barcal, localizado à margem direita do Nilo. Na verdade, trata-se de uma colina que se eleva a centena de metros acima do nível do Nilo.

Os estilos da arquitetura e da escultura sacra do reino de Cuxe foram bastante influenciados pelos modelos egípcios, considerando a influência cultural que predominava nessa região, quando do período em que o Egito exercia controle sobre a Antiga Núbia.

A ESCRITA MEROÍTA

Para conhecer a vida cotidiana de uma civilização antiga é necessário que sejam decifrados os códigos de sua língua, assim como os vestígios deixados por seus habitantes. Enquanto a Núbia esteve sob o domínio dos egípcios, muitos documentos foram produzidos. A estela de Pianki é um exemplo disso. Ela nos forneceu detalhes de como foi sua conquista do reino do Egito.

Quando aconteceu o domínio da Núbia sobre o Egito, um idioma diferente do egípcio começou surgir, ficando conhecido como meroíta. A partir do governo do rei Arcamani, o idioma egípcio, praticamente desapareceu e não mais foi usado para se fazer as inscrições nos túmulos e monumentos cuxitas. Sob a influência de idiomas africanos, os hieroglifos foram, pouco a pouco, sendo substituídos e dando forma a uma escrita cursiva. E, finalmente, surgiu uma língua original que se fez estranha até mesmo para os egiptólogos.

O conhecimento da civilização núbia evoluiu bastante depois que o inglês F. L. Griffith decifrou, entre 1900 e 1911, as chaves dessa escrita. Através deste estudo foi possível identificar um alfabeto composto de 23 sinais e que os números e certas palavras possuíam signos. Dois ou três pontos verticais separavam os vocábulos, entretanto, apesar de todo o esforço, não foi possível, ainda decifrar as palavras que compunham essa língua, apenas conheceram seus valores fonéticos. Dessa forma, o entendimento do conteúdo literário das inscrições deixadas nas

paredes do interior dos túmulos e templos sagrados torna-se difícil. Apenas alguns nomes de pessoas e de lugares puderam ser identificados.

Os mais antigos testemunhos datáveis dessa escrita, surgiram durante o reinado da candace Shanakdakhete (170 – 160 a.C.). Sobre esta enigmática escrita, Alberto Costa e Silva escreveu:

Não se aparenta ao núbio, nem ao beja das montanhas do mar Vermelho, nem a qualquer fala africana de nossos dias. Enquanto o enigma persistir – e quem sabe se não persistirá para sempre? – e enquanto a arqueologia não avançar significadamente em seus trabalhos e nos revelar como era a vida quotidiana nas cidades e no campo, na corte, no templo e na casa do homem comum, continuaremos a saber sobre Meroe muitíssimo menos do que faria supor o considerável número de inscrições meroítas até agora encontradas (COSTA E SILVA,1996, p. 125).

Contudo, enquanto a escrita cursiva meroíta não for completamente decifrada, embora de forma imprecisa, alguns avanços nos estudos da civilização meroíta estão sendo alcançados, através dos desvendamentos arqueológicos e também de textos gregos-romanos cujos registros, servem como fontes de informação.

A VIDA ECONÔMICA E SOCIAL

A Núbia era uma região muito cobiçada pelos egípcios. Possuía riquezas naturais capazes de fornecer produtos e vantagens econômicas para quem tivesse o seu controle político. Nela existiam grandes quantidades de minas de ouro e de pedras preciosas. A agricultura e a pecuária eram largamente praticadas, tendo em vista as estepes e o clima ameno, da região de Meroe. A cerâmica artesanal era outra atividade que fazia dos núbios um povo destacado na África Oriental, dentre os povos nilóticos. A população era bastante urbanizada. Em sua obra **A enxada e a lança A África antes dos portugueses** Alberto Costa e Silva afirma:

Numa daquelas cidades que não eram apenas centros administrativos e religiosos, mas sobretudo portos caravaneiros, empórios, lugares onde se fundiam o ferro e outros metais, onde se trabalhava o ouro, se tecia o algodão, se modelava a cerâmica, se faziam cestos, se curtia o couro, se compunham jóias, se fabricavam móveis e objetos de madeira, se manipulavam armas, instrumentos de música (tambores, harpas, flautas) e os mais variados utensílios para a agricultura e para a vida diária (COSTA E SILVA,1996, p. 138-139).

Diante disso, é possível concluir que existia uma variedade de trabalho, e conseqüentemente, uma grande quantidade de trabalhadores que se dedicavam a diferentes atividades econômicas, abrangendo desde o trabalho escravo até as atividades livres.

Sobre a rotina e condições de vida desses trabalhadores comuns, sabe-se muito pouco, devido a escassez de fontes escritas e pela pequena quantidade de baixos-relevos e inscrições encontradas. Um dos fatores que mais dificulta, na busca de fontes, é que seus corpos não foram mumificados, dessa forma torna-se bastante difícil, afinal seus restos mortais não foram encontrados. Apesar disso, ainda é possível descobrir algo sobre esses heróis anônimos, que não foram devidamente reconhecidos pelo clero e pela nobreza núbia. Alberto Costa e Silva em seus estudos relata:

O cemitério de Sanam e o setor plebeu das necrópoles de Meroe abrigariam aquela parcela da população urbana que ocupava o espaço social entre a diminuta nobreza, a gravitar em torno de um rei todopoderoso, e a massa enorme de camponeses. Destes camponeses não se encontraram restos. Mas é fácil refazer-lhes a vida, a plantar, se nortistas, o trigo, a cevada, o linho; e, se sulistas, o sorgo, a abóbora e as tâmaras. A cavar poços nas áreas mais seca, para dar de beber aos grandes rebanhos. A mover o xadufe, para levar água do rio até os canais de regadio, nas margens altas (COSTA E SILVA,1996, p.1180).

Havia grande quantidade de mineradores, tudo leva a crer que fossem escravos, porém deles não se sabe nada, afinal não foi encontrado o local de suas sepulturas. O certo é que trabalhavam no deserto extraindo além de ouro, pedras preciosas como: ametistas, rubis e berilos. O ouro era produzido em grande escala. Costa e Silva (1996), exemplifica que o rei Taharca “em nove anos, colocou, num só templo por ele construído, 110 kg de ouro”.

A historiografia relata que havia entre a estepe e o Vale do Nilo, muitos pastores nômades e seminômades a transumar seus rebanhos. A maioria dos camponeses viviam em aldeotas, em casas de tetos planos e feitas de tijolos ou palhoças de base arredondadas e garantiam seus sustentos nos uedes da Butana e às margens do Nilo. “A regra devia ser, contudo, a pequena exploração comunitária, familiar ou grupal, em que se combinavam a agricultura e a criação de gado”.(Costa e Silva,1996, p. 139). Além das roças, criavam ovelhas, cabras, cavalos e jumentos. Há indícios de que praticavam um culto ao boi, como era a tradição na África Antiga

e segundo indicações encontradas em relevos de templos reais e utensílios de cerâmica e bronze. Ao que tudo indica os templos e a nobreza eram detentores de grandes proporções de terras.

A desigualdade social é um fato marcante entre as sociedades da atualidade. Na antiga sociedade cuxita também havia uma grande distinção entre as pessoas que ocupavam diferentes funções sócio-econômicas. Segundo o historiador-diplomata Alberto Costa e Silva:

(...), havia casas maiores e menores; mais bem construídas e mais toscas; algumas separadas de suas vizinhas, a revelarem diferenças sociais e de riqueza, que em parte corresponderiam a distintos papéis econômicos. Entre os altos funcionários do rei, que pertenciam à nobreza, e o felá, havia toda uma gama de situações intermediárias: o grande, o médio e o pequeno comerciante, o sacerdote, o agricultor independente, o soldado, o publicano, o transportador de mercadorias em barcos, cáfilas ou tropas de burros, o mezinheiro, o artesão de vária espécie (COSTA E SILVA,1996, p.1180).

A ESCRAVIDÃO NO REINO CUXITA

Na África Antiga os povos não se sentiam “africanos” ou “negros”, afinal, nesse tempo, não haviam ainda tais conceitos – eles só foram criados após a chegada dos europeus, a partir do séc. XV. O que existiam eram povos diversos, cada um com sua própria cultura e forma de governo. A rivalidade era comum entre eles, pois, viviam disputando territórios, rotas de comércio e melhores áreas de mineração. E, em decorrência desse fato, as guerras ocorriam com muita frequência. Os vencidos e prisioneiros dessas guerras acabavam se transformando em escravos dos vencedores. Entre os cuxitas, haviam famílias aristocráticas que além de chefiar o Estado e os exércitos, controlavam também a economia, acumulando para si muitos bens materiais e privilégios.

Em alguns baixos-relevos cuxitas, é possível verificar cativos de guerras sendo conduzidos como escravos pelos bravos soldados meroítas e existem registros de compras e trocas de escravos nas rotas comerciais efetivadas no Vale do Nilo. Contudo, é preciso compreender o tipo de escravidão praticada nos antigos reinos africanos, pois, haviam características particulares, se comparadas à escravidão greco-romana da antiguidade. Na África Antiga os escravos

trabalhavam em atividades variadas, ao lado de artesãos e camponeses livres, fazendo os mesmos tipos de atividades. Depois de algum tempo, era comum a integração desses escravos na sociedade, podendo seus filhos nascerem livres. Alguns escravos podiam se destacar, tornando-se importantes administradores públicos, de palácios reais ou fazendas.

A METALURGIA

O mundo antigo, especialmente a África recebeu muita influência do povo cuxita. Muitas lendas da África Meridional e Ocidental falam de uma iniciação trazida por homens oriundos do leste, provavelmente, meroítas.

Os cuxitas eram habilidosos na metalurgia do ferro. Há indícios de que uma das razões que culminaram na troca da capital do reino de Cuxe, de Napata para Meroe, teria sido a grande quantidade de minérios de ferro e a madeira de acácias, vegetação nativa naquela região e necessária para a fundição deste metal. Avivado por foles e usando pequenos fornos cilíndricos, o ferro era reduzido e transformado nos mais variados produtos de uso entre os habitantes desta sociedade. Segundo a expressão de Davidson Basil:

Em volta das ruínas de Meroe ainda se podem ver montes de escórias nos sítios onde trabalharam os fundidores do ferro. Alguns historiadores pensam que foi de Meroe que as técnicas do trabalho do ferro primeiramente se estenderam até o resto da África interior, talvez pelas rotas comerciais que ligavam Meroe às terras do Níger e mais além (DAVIDSON,1981, p. 27).

Entretanto, não é possível datar com precisão quando a metalurgia teve início naquela região. Sabe-se que o metal foi trabalhado em pequena escala em Meroe, entre os séc. VII ou VI a.C., houve aumento no séc. IV a.C. e em maior escala somente em meados do séc. I a.C.

Também o método de fundição por cera perdida era praticado pelos cuxitas. Ainda hoje, muitos povos africanos continuam derretendo o bronze pelo processo da cera perdida, da mesma forma que era feita no reino de Cuxe.

A CERÂMICA

Os núbios tinham um jeito muito particular na arte da cerâmica, faziam-na com delicadeza e sensibilidade. Era feita em abundância, com riqueza e diversidade, em termos de estética. Costa e Silva (1996, p. 143) escreveu que esta cerâmica: “é a melhor herança de beleza da gente meroíta. Alguns de seus exemplares são de qualidade extraordinária, como forma, como rigor e invenção decorativa, como superfície luminosa”. Segundo a tradição núbia, os vasos eram feitos geralmente de base arredondadas, sendo negros, contendo incisos e às vezes, com detalhes coloridos em vermelho e branco. As peças retratavam cenas de fauna, flora e o cotidiano de sua gente, com muita imaginação e delicadeza.

As mulheres faziam este trabalho de arte moldado à mão, onde os estilos núbios eram mostrados com extrema fidelidade. Contudo, com o passar do tempo essa atividade passou a ser feita também pelos homens. Não se sabe exatamente quando, mas a partir do uso da roda do oleiro, a produção e a variedade das formas tornaram-se maiores.

O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO NA ESCOLA

Os relatos e as considerações aqui apresentados surgiram a partir de questionários e atividades realizadas com 43 alunos/as do 3º Ano, turma G, do período vespertino, 4 professoras de História da escola, 8 professores/as da rede estadual, através do GTR (Grupo de Trabalho em Rede) e professora PDE/2008, sob orientação da UEM/SEED, a respeito da implementação do projeto sobre o povo núbio, dando destaque ao reino de Cuxe, que existiu no Vale do Nilo, entre os séc. VIII a. C. Ao II d. C., no Colégio estadual Duque de caxias – Ensino Fundamental e Médio.

Para subsidiar alunos/as e professores/as neste trabalho foi utilizado o material didático-pedagógico no formato de Unidade Didática, elaborado na segunda fase do PDE/08. Cujo objetivo era identificar os aspectos políticos, sócio-econômicos, culturais e religiosos do povo núbio, através de pesquisa, na utilização de textos históricos e iconográficos para levantamento documental para a construção de narrativas históricas e colocado em prática no terceiro período do PDE/2008.

Etapas da Implementação

Mediante indagação inicial, chegou-se a conclusão que os/as alunos/as não tinham conhecimento do tema e para despertar-lhes o interesse, as aulas foram preparadas e apresentadas com recursos multimídias como: data show, TV Pendrive e pesquisas no laboratório Paraná Digital. No horário normal das aulas, os/as alunos/as estudaram os textos escritos e desenvolveram as atividades propostas.

Para avaliação dos resultados, os/as alunos/as fizeram narrativas históricas, utilizando como roteiro, ficha de auto-avaliação antes do preparo e realização da mostra, conforme sugestão de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli na obra: **Ensinar História**. Esta avaliação da aprendizagem aconteceu, com referência somente aos estudos realizados no material didático-pedagógico.

Os/as alunos/as, divididos/as em 05 equipes e mediados/as pela professora PDE/08, onde estudaram as ações e relações deste povo africano. Em período de contra-turno e no final de cada encontro, havia tempo reservado para leituras, pesquisas e estudos em grupo, onde juntos prepararam os materiais para a apresentação da I Mostra de História Africana que realizou-se no dia 29-05-2009 e contou com a presença da comunidade escolar da rede pública do município.

Após a apresentação da Mostra uma ficha de auto-avaliação semelhante à primeira foi proposta aos/as alunos/as e partir dela, novas narrativas históricas foram produzidas. Comparando os resultados, do antes e o depois, chegou-se a conclusão de que após os trabalhos práticos e a apresentação ao público, os/as alunos/as apropriaram muito mais conhecimentos e a aprendizagem ocorreu de forma mais abrangente e estimulante. Alguns questionamentos para avaliação geral dos trabalhos foram apresentados aos/as alunos/as e analisados: O trabalho trouxe conhecimentos novos pra você? Os textos contribuíram para o conhecimento/ retomada de elementos da temática? As atividades propostas facilitaram o processo de aprendizagem do conteúdo e provocaram questionamentos e discussões sobre o conteúdo estudado? As imagens facilitaram a apreensão do que pretendia ser ensinado e facilitaram a exposição do trabalho ?

As respostas foram afirmativas. E indagados sobre o que mais lhe chamou atenção na Mostra, ressaltaram que, além do empenho e dedicação, o conteúdo, apesar de extenso, foi compreendido e o desafio em apresentar o Império Núbio para a comunidade escolar muito significativo.

Funari (2007) defende que os estudos sobre a História Antiga devem ser renovados. Segundo ele a Antiguidade deve ser estudada de forma agradável, podendo trazer recompensas intelectuais e um prazer enorme a professores/as e alunos/as, no que diz respeito à pesquisa e ao conhecimento de povos que fizeram sua história no passado, mas que nem sempre são contemplados nos livros didáticos. E isto “não se faz apenas com documentos escritos, a cultura material, com o estudo arqueológico de edifícios, estátuas, cerâmica, pintura, entre outras categorias de artefatos” (FUNARI, 2007, p.96), também é importante fonte histórica e pode ser utilizada nos trabalhos de pesquisas com os/as alunos/as.

Portanto, diante dos resultados obtidos com a Mostra Africana, pode-se concluir, que a prática desse encaminhamento metodológico é viável e passível de aplicabilidade com alunos/as do Ensino Básico.

As professoras da área de História, atuantes na escola, receberam o material didático-pedagógico, seguido dos encaminhamentos metodológicos. Os encontros para leitura e análises aconteceram em momentos de horas-atividades. Como forma de avaliação desse trabalho foi sugerido às professoras um questionário contendo indagações como: O conteúdo é relevante? Sobre seus conhecimentos e domínio da temática para trabalhar com os alunos, você se considera segura? Os textos contribuíram para o conhecimento/ retomada de elementos da temática? As imagens selecionadas estão adequadas ao conteúdo/discussão que se propõe? As atividades propostas facilitam o processo de aprendizagem do conteúdo e provocam questionamentos e discussões sobre a temática? Você utilizaria o laboratório Paraná Digital para trabalhar a temática? Indagados sobre a aplicabilidade do material foram unânimes em confirmar que é viável com alunos do Ensino Básico, contudo, não se sentem seguras o suficiente para colocá-lo em prática, necessitando para isso, mais estudos e conhecimentos.

Através do GTR as produções realizadas nas etapas 1, 2 e 3 do PDE/2008 foram estudadas e analisadas. Houve espaço para amplas discussões através dos Diários e Fóruns no Ambiente Virtual de Aprendizagem/Moodle. Na Unidade 4 o material didático-pedagógico foi disponibilizado e apreciado pelos/as integrantes do grupo. Os pareceres foram favoráveis e ao final alguns/as participantes fizeram depoimentos de que já estavam utilizando partes do referido material, obtendo até então, êxito com os/as alunos/as. Diante desses fatos, pode-se concluir que a aplicabilidade do projeto e do material didático-pedagógico são

viáveis, sendo possível, sua prática em sala de aula, com alunos/as da Educação Básica.

A escolha do reino Núbio como objeto de estudo para esse trabalho foi questionado por alguns/as integrantes do GTR. Sabendo-se da diversidade de conteúdos, como selecionar o que é básico para trabalhar com a temática africana nas escolas?

O Caderno Temático: **Inserção dos conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares.** (2005, p.24) sugere, para a disciplina de História Antiga o estudo dos grandes reinos africanos, destacando as manifestações culturais, organizações políticas e sociais de Mali, do Egito, da Núbia, do Congo, do Zimbábue, de Songai, entre outros. Para trabalhar História do Brasil é relevante o estudo de: povos escravizados que foram trazidos para o Brasil pelo tráfico negreiro; das resistências do povo negro no Brasil; das consequências da Diáspora Africana; da promulgação da Lei de Terras e do fim do tráfico negreiro; do impacto das ideologias de branqueamento; dos remanescentes de quilombos; da Frente Negra Brasileira, do significado do 20 de novembro, entre outros temas que podem ser tratados com alunos/as em sala de aula.

É importante salientar, que diante da variedade de culturas e civilizações africanas, “é preciso editar livros com conteúdos que são mais consensuais”, onde as histórias de seus povos sejam contadas de forma positiva, desmitificando e destruindo preconceitos e estereótipos criados sobre uma “uma imagem negativa que se tem da África” (MUNANGA, 2008).

Em vista disso, percebe-se uma prioridade em estudar povos com culturas que de alguma forma contribuíram para a concretização da história americana, especialmente a brasileira. Embora não haja uma relação direta entre os povos do Vale do Nilo e os africanos que vieram para a América, também não se pode descartar a circulação de elementos culturais, tecnológicos e religiosos do povo Núbio pela Antiga África negra. E, por essa razão, o referido povo tornou-se objeto de estudo nesse trabalho.

Considerações finais

O presente estudo teve como finalidade resgatar historicamente fatos de um povo africano que muito contribuiu para a circulação de elementos culturais,

tecnológicos e religiosos pela África Antiga. Povo este, que constituiu uma brilhante civilização, no passado e, contudo, não teve sua história contemplada nos livros didáticos.

O propósito de renovar a história antiga, tornando seus conteúdos mais atrativos, porém, sem perder de vista a qualidade, aos/as alunos/as do Ensino Básico foi um dos grandes desafios desse trabalho.

Considerando a obrigatoriedade da implementação da Lei 10.639/03, a escolha desse conteúdo teve a intenção de contribuir para a formação de professores/as na referida temática propiciando momentos de saber, socialização e aquisição de material didático-pedagógico, com utilização de fontes confiáveis.

Apesar da escassez das fontes para pesquisas e preparo de material de qualidade sobre determinados povos africanos, principalmente aqueles que ainda não tiveram seus sistemas de escritas totalmente decifrados, (os núbios, dentre tantos outros), ainda é possível e prazeroso, os levantamentos de dados para a concretização de trabalhos desta grandeza.

Sabe-se que lei 10.639/03 deve ser colocada em prática, e para que isso aconteça, segundo o Parecer do CNE/CP, é preciso adequar e revisar os currículos com relação a essa temática e qualificar os/as professores/as, garantindo-lhes subsídios teóricos, práticos e metodológicos e, ainda, despertar-lhes interesse pela produção de seu próprio material didático-pedagógico, para que ao colocá-los em prática, também os/as alunos/as tenham através do ensino-aprendizagem um novo olhar sobre a África e a diversidade cultural dos povos que nela viveram e que precisam ser conhecidos e respeitados. Como afirma Marina de Mello e Souza⁶ em sua obra **África e Brasil Africano**:

Abordar conteúdos que trazem para sala de aula a história da África e do Brasil africano é fazer cumprir nossos grandes objetivos como educadores: levar à reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debate, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância. E é também a oportunidade de levantar a bandeira de combate ao racismo e às discriminações que atingem em particular a população negra, afro-brasileira ou afrodescendente (SOUZA, 2006, p. 7).

Dentro deste contexto, visando conscientizar e despertar o interesse de professores/as da Educação Básica Paranense, algumas ações da SEED/APP, têm sido de muita valia no que se refere a oferta de grupos de estudos, palestras,

encontros, seminários e simpósios para subsidiar o trabalho do/a professor/a, no sentido de propiciar uma educação voltada para a diversidade étnico-racial nas escolas. O lamentável, é que apesar de tanto investimento, nem todos/as os/as professores/as mostram-se interessados em colocar em prática o que aprendem. Outro fator agravante é que muitos nem sequer procuram participar de tais eventos, fazendo “vistas grossas” a algo que está em evidência. Vale salientar, o quanto isso tem dificultado o processo de implementação da Lei 10.639/03.

Conclui-se, que as IES podem contribuir muito nesse processo, pois muitas fontes encontram-se nos acervos de suas bibliotecas. Nelas encontram-se profissionais experientes em pesquisas, podendo auxiliar nos estudos e elaboração de materiais didático-pedagógicos, para que os mesmos cheguem ao acesso dos/as professores/as, pois na maioria das vezes, as produções acadêmicas não são disponibilizadas nas Escolas Básicas Paranaenses.

⁶ **Marina de Mello e Souza** - professora doutora da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da África. Atuando principalmente nos seguintes temas: cultura afro-brasileira, reis negros, religiosidade afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. 161ª ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2005.

BRISSAUD, Jean-Marc. **A civilização núbica até a conquista árabe**. Rio de Janeiro: Editions Ferni, 1978.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DAVIDSON, Basil. **A descoberta do passado de África**. Tradução de José Maia Alexandre. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1981

_____. **Revelando a velha África**. Lisboa: Prelo Editora, 1968

FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da História Antiga. In: Karnal, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

HAKEM, Ahmed. Quando as mulheres reinavam em Meroe. **Correio da Unesco**: vol. 07, 1979.

LECLANT, Jean. Kush, o reino que durou mil anos. **Correio da Unesco**, vol. 07, 1979. p. 10-11.

MUNANGA, Kabengele. Revista Educação. 2002. Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/nrevistas/revista_educacao/setembro02. acesso em maio 2007.

MURRAY, Jocelyn. **África**: o despertar de um continente. (Grandes impérios e civilizações). Vol. 1. Madrid: Edições Del Prado, 1997, s/d.

NACK, Email. Egipto y el próximo Oriente em la Antigüedad. Barcelona, Espanha: Labor.

PARANÁ. Secretaria de Estado da educação. **Cadernos Temáticos: inserção** dos conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares. Curitiba: SEED-PR, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos temáticos: História e Cultura Afro-brasileira e Africana: educando para as relações étnico-raciais**. Curitiba: SEED-PR, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da História para a Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

READER, John. **África, biografia de um continente**. Lisboa: Publicações Euro América, 2002 (org. 1997).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2005.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.

TRAUNECKER, Claude. **Os deuses do Egito**. Tradução de Emanuel Araújo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DOCUMENTOS CONSULTADOS ON LINE

<<http://letras.terra.com.br/salgueiro-rj/810871/>> Acesso em: 03/09/08

< <http://odiplomata.blog.com/2048673/>> acesso em 21/10/08

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/030120_farao1imp.shtml>acesso em 02/09/08

< http://www.passeiweb.com/saiba_mais/voce_sabia/faraos_negros> acesso em 02/09/08

<http://super.abril.com.br/superarquivo/1997/conteudo_116274.shtml> acesso em 02/09/08

<<http://www.historiadomundo.com.br/egipcia/faraos-negros/>> acesso em 02/09/08

<<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML938761-1738,00.html>> acesso em 02/09/08

